Anno 2.º — Quinta-feira, 14 de Março de 1912 — Numero 58

A LIBERDADE

Jornal Republicano

Secretario e Redactor — Ruy da Cunha e Costa

Composição e Impressão — TYP. SILVA (a vapor)
AVEIRO

Director, proprietario e editor
ALBERTO SOUTO

Administrador — Pompilio Ratolla

Redacção e Administração — Rua dos Tavares
AVEIRO

MUSEU AVEIRO (Avelãeda)

PARA OS PORTUGUEZES LEREM

Para os portuguezes meditarem

Continuando. Nós e o mundo culto. A doença nacional. O sentimentalismo na politica

Nós somos hoje, para a Europa e para o mundo culto, uma grande interrogação. Nós estamos sujeitos a um grande inquerito mundial. E somos uma interrogação para nós mesmos e devemos sê-lo para nós todos, com franqueza, visto que a grande fé que muitos dos nossos homens publicos e quasi todos os republicanos, manifestam nos destinos da nação, por aquelle enthusiasmo proprio da nossa combatividade e por aquella persistencia que nos deu o triumpho, não é, no campo pozitivo, coisa alguma mais do que uma simples esperança do rejuvenescimento do nosso caracter.

Trocada em valor, essa fé e essa esperança podem dar um livro de versos de bom preço, mas no guichet dos bancos a sua cotação tem de ser durante algum tempo uma cotação muito fraca.

O que resta vêr é que rumo segue esse enthusiasmo patriotico dos ultimos tempos. O que resta saber é se nós ficaremos como bons portuguezes de outras eras a cantar eternamente as nossas glorias passadas e as nossas venturas ultimas, se continuaremos a cultivar apenas a raça dos heroes das nossas aventuras e a dormir madraçamente sobre os louros e os hymnos, ou se nos resolvemos a entrar na vida dos povos modernos voltando-nos para as questões economicas e sociaes, para o augmento da riqueza publica, para o saldo de todas as nossas dividas, para o preenchimento de todas as nossas faltas e para o engrandecimento utilitario, mental e moral do nosso povo.

Conseguiremos nós fazer da raça portugueza tão doente e tão combalida por aquelles inervamentos historicos de todos nós conhecidos, desde a conquista da India, a educação jesuitica e o beatismo obsceno de D. João V até ás mentiras do constitucionalismo com todo o seu cortejo de ignorancias, de veniagas e dissoluções, juntas a uma debilidade organica, conseguiremos nós fazer d'ella uma raça forte, capaz de vencer por si na lucta da vida moderna? Ou estamos nós resolvidos a deixar o paiz continuar a embebedar-se, permitam o termo, com um sebastianismo doentio de novo genero, entregue aos sonhos do luar e ás cantigas do fado, ao *que tiver de ser, será*, ao *tanto se me dá como se me deu*, ao *confio em si*, e sobretudo á sentimentalidade piegas que impede e estraga n'este paiz todas as honestas tentativas de vida nova e seriedade governativa?

Tenham paciencia todos os que nos lêem, aquelles que gostam e aquelles que detestam, aquelles que querem ver a verdade amarga das nossas palavras e aquelles que persistem em illudir-se a si proprios, tenham todos paciencia e não digam mais que nós cahimos na indecisão e na descrença; mas o paiz hoje precisa de alguma coisa mais que revoluções politiquistas e bandeirolas partidarias; o paiz precisa de dinheiro, equivalente de riqueza; e precisa de energia, equivalente de trabalho fecundo, de orientação moderna e de disciplina social. E o que ninguem sabe, o que ninguem póde affirmar, é se o paiz entrará n'esse caminho, vistas a ignorancia, a indolencia e o mal que nos minam.

E se nós, embevecidos apenas nas conquistas politicas e philosophicas da revolução e nas lindas palavras dos tribunos romanticos, cheios de phrases e imagens espectaculosas, mas pobres de ideias e falhos das mais rudimentares qualidades de governo, se nós persistirmos em não tomar resoluções definidas e rasgadas, por causa da sentimentalidade sonhadora e doce, choramingas e lamurienta dos nossos habitos, se não entregamos o governo do paiz n'esta phase de reconstrucção, incerteza, hesitações e perigos, a uma cabeça forte e a um pulso firme, se nos não resolvemos todos a entrar na ordem e a metter na ordem aquelles que d'ella sahirem, sejam quem forem, tenham que titulos tiverem, o paiz abre falencia moral e falencia economica, dentro de pouco, dentro de breve, dentro de muito menos tempo do que a maior parte da gente insensata e imprevidente julga.

E que attentem n'isto, os portuguezes, se querem continuar usando esse nome de nostalgicas tradições!

E que attentem n'isto os portuguezes, se querem que este rincão de terra chegue autonomo e honrado ainda ás mãos dos nossos filhos!

A Republica de que o paiz precisa. — Teremos nós juizo para a fazermos?

A Republica não é só, pelo seu nome e pela sua boa feição moral, a salvação do paiz.

Façam uma republica clerical e fradesca, façam uma republica que transija com todos os nossos vicios tradicionaes e com todos os erros em que a monarchia cahiu, façam uma republica plutocratica e reaccionaria, façam uma republica incompetente e inepta, com governos fracos, cheios de receios infantis e preoccupados sempre com o coração e com o sentimentalismo doentio, façam uma republica sem consistencia e sem auctoridade, sem prestigio e sem disciplina, desorientada ou anarchica e a Republica falhará estrondosamente.

Precisamos, pois, de quê? de uma Republica republicana, com uma orientação definida; uma Republica com uma linha de conducta austera e inviolavel; uma Republica com feição e com caracter, que acabe com todas as conspiratas e com todas as rebeliões, que tenha força para castigar quem delinquir, para obrigar todos ao respeito da lei e sobretudo ao respeito da suprema lei da consciencia e da salvação publica; uma Republica que metta na ordem o monarchico, o empregado, o politico, o capitalista, o exaltado; e então o paiz, feito o socego, rehavida a confiança, consolidada a estabilidade do regimen e da vida publica, terá realisado a primeira e a mais urgente das condições para a sua rehabilitação economica.

Só assim nós fugiremos ao abysmo que nos chama, ao abysmo que nos attrae e nos espera se não tivermos patriotismo para nos sacrificarmos e nos expôrmos ao trabalho, tino e energia para mudarmos do caminho mau que ha perto de um seculo vimos trilhando.

Faça-se isso que acima dizemos, dê-se cohesão e unidade ás actividades necessarias que ahi explodiram com gestos revolucionarios e a todas aquellas que com esse estrondo foram capazes de acordar e, seja avançada embora essa governação e esse modo de proceder—os proprios monarchicos, ainda fluctuantes nas suas vagas e loucas esperanças de uma ridicula restauração, hão-de sentir-se chamados, sem mentirosas e interesseiras attracções que a elles mesmos iriam mal, ao respeito e á collaboração natural e espontanea da nossa obra. E se não quizerem vir, tanto peor para elles, tanto peor!

Mas a gente sã, de corpo e alma, detesta a tibieza e a indecisão, a ambiguidade e a covardia.

O vigor e a firmeza dos fortes de corpo e de espirito, sem exaggeros destemperados de doidos, attrae e suggestiona os proprios adversarios.

Depois que ficará? uma escória rebelde ou parva, criminosa ou inutil?

Arreda-se com o pé. De criminosos e inuteis não precisa nenhum paiz, nem d'elles ha mingua em nenhuma sociedade.

Mas teremos nós o senso necessario para tomarmos este caminho, o unico que pode salvar a Republica e a nação, ou continuaremos n'este regimen de conspiração permanente, de ataques ás linhas ferreas e explosões de dynamite,—do que toda a gente é innocente—de alliciamentos nos quarteis, de boatos terroristas e de pouca vergonha e indisciplina nas repartições e nos serviços publicos, de *deficits* e de augmento de impostos, de desordens e de artificios?

Estamos nós resolvidos a deixar que a escória rebelde e maldosa do monarchismo retrógrado, clericalista e anarchico dê cabo do paiz para dar cabo da Republica, ou resolvemo-nos a fazer da Republica uma republica que acabe com este estado de coisas e arranque a nação da garra estrangeira que a espreita, attenta, como a garra do abutre de olhar de fogo?

A crise nacional. — A grande interrogação.

Feitas mais estas considerações e apresentadas mais estas duvidas que nos vêm alanceando o espirito, duvidas e considerações de ordem moral, vamos expôr os nossos receios sobre a situação economica do paiz que merece todos os cuidados e que é para nós a grande e fundamental questão da nacionalidade portugueza.

E não desanimem com o nosso péssimismo os republicanos sinceros e bons. O nosso péssimismo provem mais de uma leitura de numeros e de uma analyse fria das coisas, que de uma intima descrença.

Consiga a gente modificar os numeros e a situação geral do paiz que o nosso péssimismo desapparecerá.

Não desanimem comtudo os republicanos, pois que a Patria exige d'elles ainda muito sacrificio, muita dedicação e muito labor.

Não desanimem, mas pensem! Pensem a sério, pensem bem!

Os primeiros a desejarem que as côres negras se eleminem, sômos nós mesmos. Os primeiros a quererem que passem breve estes temores, sômos nós mesmos.

Se isso estivesse na nossa mão! mas não está. E' difficil mesmo que esteja na mão d'alguem. Amontoaram-se circumstancias que custam a remover. Influencias ancestraes, males historicos, erros quasi irreparaveis e é isso, com a decadencia do caracter nacional, que nós mais tememos.

Mas o que é indispensavel é que o povo e que os proprios republicanos não vivam illudidos, despreoccupados já e indifferentes á vida publica, abandonando a Republica, julgando que tudo vae nos melhores dos mares, e que apenas mercê da mudança do regimen se acham já resolvidos os problemas vitaes da nação ou que esta marcha facilmente no mais aplanado e venturoso dos caminhos.

Vimos a desgraçadissima situação financeira do paiz, resumida nas contas finaes do *Deve* e *Haver* do orçamento geral do Estado.

A situação financeira do Estado não póde ser peor para as necessidades do progresso do paiz. Fosse má a situação do thesouro publico e fosse boa a situação economica nacional e nós não teriamos receios.

Mas exactamente o que nos assoberba é o péssimo estado da nossa economia.

Fallámos no ultimo numero das perguntas de Oliveira Martins sobre o futuro portuguez em 1894.

Avessos a muitas citações que dêem a nota de erudição que não temos, mas que facil nos seria alardear, não podemos comtudo deixar de fazer aqui esta triste constatação—os problemas postos por esse economista tão distincto quanto desastrado politico, estão todos ainda de pé, pois a monarchia não conseguiu resolver nenhum, e as suas medidas, ainda hoje, com pequenas modificações, tão reclamadas, nenhuma d'ellas conseguiu realisação dos estadistas monarchicos.

Quer dizer, entre 1882-1894 e 1910, o paiz continuou entregue ao seu abandono, á sua inconsciencia, á sua ignorancia e a braços com todos os erros dos politicos, como um doente entontecido pela febre ardente, que mal póde mexer-se e que mal póde procurar, instinctivamente, a sua alimentação. Simplesmente os males cresceram e quasi tudo se aggravou contra nós.

N'esse espaço de tempo só os desvarios, os erros e os crimes das clientellas, carregaram mais exaggerada e medonhamente sobre este organismo tão enfraquecido a quem apenas tem valido a sua grande resistencia.

Conseguirá, sob a Republica, ultima tentativa de rehabilitação, o doente erguer-se e salvar-se e caminhar seguro na lucta da vida?

Haverá dentro do paiz e na nossa raça a reserva de forças necessarias para o colossal esforço que de nós se exige agora e com que temos de remediar todos os males, erros e desleixos de quasi um seculo, ou terá sido este ciclo de enthusiasmos republicanos aquelle momento de apparente melhoria e bem estar enganoso que por vezes precede o desenlace dos moribundos?

E' o que se pergunta. E' o que o mundo inteiro nos pergunta. E é a isto que a nação tem que responder.

* * *

Continuaremos n'esta patriotica campanha, de denunciar, com a possivel clareza, aos portuguezes, os perigos que ameaçam o seu paiz. Quem quizer ouvir-nos e entender-nos que nos ouça e nos entenda.

Temos vivido muito de mentiras e é preciso que se passe a conhecer a verdade, para que as illusões nos não deitem a perder e para que todos tenham a consciencia da situação da sua Patria e portanto dos sacrificios e das dedicações que lhe devem.

No proximo numero faremos sobre as estatisticas, um estudo rapido da economia nacional, o que mais servirá a provar que a nação atravessa uma crise grave e que teem acerto as nossas palavras e as nossas amargas preoccupações.

A INGLATERRA E A GREVE DO CARVÃO

A producção e a exportação inglezas. — As compras da França. — A concorrencia allemã.

A greve dos mineiros inglezes —aquelles obreiros das *Indias Negras* do saudoso Julio Verne—está sendo uma verdadeira catastrophe não só para a Inglaterra mas para todo o mundo civilisado.

O Reino-Unido não é sómente um poderoso productor de hulha; é tambem um grande reservatorio regulador onde outros paizes se veem abastecer segundo as necessidades que teem do precioso combustivel.

Brevemente, esgotado esse repositorio, encontra-se compromettido o equilibrio economico do universo.

Na França, por exemplo, que importa annualmente 20 milhões de toneladas de carvão, a greve ingleza a prolongar-se provocaria um grande desastre. Elevar-se-ia o preço do combustivel enormemente e isto significaria—o encerramento das fabricas, a *chomage*, a paralysia parcial dos caminhos de ferro, a carestia dos viveres, etc., etc.

Para se fazer ideia da gravidade das consequencias do prolongamento da greve ingleza que está produzindo já transtornos consideraveis e que nós tememos venha a trazer á economia mundial uma perturbação identica á causada pela grande crise financeira americana, vamos dar aos nossos leitores uma nota das cifras actuaes da producção ingleza e da repartição das suas vendas.

As Ilhas Britanicas produziram em 1909, 268 milhões de toneladas de carvão; superior á Inglaterra encontram-se apenas os Estados Unidos com 441 milhões de toneladas; em terceiro logar está a Allemanha que vem fazendo enormes progressos n'essa industria, e que produziu 222 milhões de toneladas em 1910.

A Austria-Hungria produz 53 milhões, a França 38 e a Belgica 23.

A Inglaterra que occupa o segundo logar na producção, tem comtudo a primazia na exportação.

Os E. U. exportam apenas 16 milhões de toneladas, a Allemanha 20, pouco mais do que importa, a Belgica importa mais do que exporta; o Japão, a Australia e as Indias põem ainda á disposição do mercado mundial alguns milhares de toneladas, o que tudo junto é pouco comparado com os 63 milhares de toneladas que a Inglaterra exportou em 1910.

Os inglezes tiravam grandes lucros d'esta situação excepcional.

Ao passo que a extracção augmentava n'uma progressão extraordinaria e temendo por isso um rapido esgotamento dos seus filões, lançaram-se em estudos geologicos para descobrirem novos jazigos, pois que as novas bacias carboniferas do Paiz de Gales do Sul, do Northumberland, bastam para garantir por dois ou tres seculos a extracção do carvão na Grã-Bretanha.

Em 1880 a Inglaterra extraia apenas 149 milhões de toneladas; em 1890 attingiu 184 milhões, em 1909, 268 milhões. A progressão que foi rapida, não cobriu comtudo a das exportações que eram de 23 milhões de toneladas em 1880 e que passaram para 86 milhões em 1909.

O grande commercio do carvão da Inglaterra, em todos os mares, assegurou á sua marinha mercante o desenvolvimento intenso sobre que está fundada a sua supremacia maritima.

Em 1909 a industria do carvão occupava em Inglaterra 1:126:372 pessoas que é hoje o formidavel contingente do seu exercito de grévistas, podendo-se-lhe accrescentar mais 835$000 operarios do fundo.

A França é uma das nações que mais carvão compram á Inglaterra.

Em 1910 a França importou 18 milhões de toneladas; pois a Inglaterra forneceu-lhe 8.952:000 contra 5.000:000 da Belgica e 4.500:000 da Allemanha. A Allemanha é tambem cliente da Inglaterra, tendo-lhe comprado, em 1910, 9.700:000 toneladas de carvão, pois que o allemão não pode competir em preço com o carvão inglez, nos portos do mar do Norte e do Atlantico, por causa do preço do transporte nos canaes e nos caminhos de ferro.

Os Paivantes divertem-se...

Manuel Valente Pombo, que esteve preso no Porto sendo depois transferido para o forte do Alto do Duque, de onde fugiu, e que se acha despronunciado pela Relação, enviou de Hespanha ao snr. Almeida d'Eça, administrador do concelho de Estarreja, a seguinte carta:

Manuel Martinho Guedes Ruella Valente Pombo, estudante talassa da freguezia do Bunheiro, excursionista politico, participa ao cidadão administrador do concelho de Estarreja que fixou provisoriamente, por causa da immoral e maldita Republica Portugueza, residencia na cidade de Tuy—(Hespanha) plaza de S. Fernando, 5—onde offerece o seu... inutil prestimo n'aquillo que fôr... possivel e honesto.—Saude e Paz.—9—Março 1912.

Esta carta vinha escripta em papel branco, com uma faxa azul a atravessar a folha.

Batalhão de Voluntarios d'Aveiro

A convite do snr. Bernardo Torres reuniu na passada segunda-feira, no salão da Bibliotheca Operaria, o Batalhão de Voluntarios d'Aveiro, tendo ficado resolvido que os exercicios, sob a direcção do snr. tenente Ruella, se realisem aos domingos, devendo todos os alistados começar em breve a frequentar a Carreira da Gafanha, para receberem a instrução de tiro.

Durante a reunião usaram da palavra varios oradores que se referiram á actual situação politica preconisando a necessidade de todos se unirem para combater os inimigos da Patria e da Republica.

Com effeito, nota-se em todos os membros do Batalhão, o proposito firme de continuarem a velar com o mesmo disvelo pela segurança das instituições.

Carreira de Tiro da Gafanha

Acha-se já aberta, tanto para militares como para civis, a Carreira de Tiro da Gafanha, sendo a instrução ministrada pelo nosso amigo snr. capitão Manoel Ferreira Viegas Junior.

O eclipse de 17 de abril

Interesse scientifico dos eclipses

Nas escolas. — O que o professor primario poderá fazer.

Aos professores, e aos primarios sobretudo, lembramos a alta conveniencia de irem preparando o espirito dos seus alumnos para a observação do curioso phenomeno que terá logar a 17 de abril proximo e a que já no ultimo numero nos referimos, explicando-lhes as suas causas e todo o seu alto interesse scientifico.

Bom seria que, em todas as escolas, os professores aconselhassem os seus alumnos a munirem-se de um vidro fumado á luz d'uma vela ou d'um candieiro de azeite ou petroleo, alguns dias antes do eclipse, para se acostumarem a vêr distinctamente o disco solar, sem o incommodo do brilho da luz e para mais facilmente poderem depois, sob a sua orientação, observarem todas as phases do phenomeno, desde o momento em que o disco da lua começar a morder o disco do astro central, até ao ponto culminante em que, apenas por dois segundos, se poderão vêr as soberbas explosões e projecções luminosas da athmosphera solar, irradiando da *corôa*, com uma coloração luarenta.

N'esse momento veem-se algumas estrellas e ás vezes planetas, como Mercurio que o brilho do sol habitualmente nos ofusca.

O professor primario terá assim um bello pretexto para explicar aos seus alumnos, qual o estado em que se encontra a athmosphera e o globo solar, incandescente, onde o espetroscopio nos prova existir o ferro e tantos outros metaes, ainda uns em estado de fusão ignea e outros no estado gazoso, fazendo ver qual o modo de formação da terra e dos outros astros que passaram por identicos estadios physicos.

O professor cuidadoso não se esquecerá de dar uma optima lição de cosmographia se, traçando sobre a carta ou sobre o globo, com as horas, a linha onde o phenomeno será visto: Asia, America, Funchal, Ovar, Oviedo, Paris, Hamburgo e Riga, demonstrar a rotação da terra de nascente para poente, etc., etc.

Poderá ainda chamar a attenção dos seus alumnos para a bizarra sombra das arvores e das coisas e principalmente da folhagem, sombra que se projectará no solo toda em meias luas, para a inquietação dos animaes domesticos, para o canto do galo, etc., etc.

E' preciso que o alumno, pelo annuncio e antecipada explicação do professor, saiba a hora precisa em que o eclipse começa, em que attinge a sua maior phase e em que acaba, de modo a observar tudo e comprehender assim o grande alcance des estudos scientificos e a mathematica certeza dos calculos astronomicos.

Aos eclipses andam ligadas lendas, algumas das quaes verdadeiramente historicas.

Tudo isso servirá ao professor moderno para illustrar e educar o espirito dos seus alumnos que talvez não tenham outra occasião, no decurso da sua vida, de verem espectaculo semelhante.

Causas dos eclipses.—As horas do phenomeno de 17 de abril.—Os estudos sobre os eclipses e as investigações das sciencias

Os eclipses do sol produzem-se no nascente da conjuncção da Lua com o sol (lua nova), isto é, quando a lua se encontra na proximidade do plano da eclitica (plano que a terra descreve no seu giro á volta do sol).

Os eclipses da lua produzem-se em condições analogas, mas no momento opposto (lua cheia.)

A differença mais caracteristica que existe entre os eclipses do sol e os da Lua, é que os primeiros resultam da passagem d'um corpo solido entre a terra e o sol, emquanto que os segundos, manifestando-se quando a terra se encontra entre a lua e o sol, são produzidos apenas pela passagem da lua no cone de sombra que a terra projecta no espaço. A consequencia d'isto é a seguinte, interessante e curiosa: os eclipses da lua apresentam o mesmo aspecto em todos os pontos da terra para os quaes o nosso satelite está acima do horisonte, emquanto que os eclipses do sol apresentam um aspecto differente, segundo o logar em que o observador está collocado, logar para o qual o sol deve estar acima do horisonte.

Por uma coincidencia digna de menção, os diametros e os afastamentos respectivos do sol, da terra e da lua, são taes que, por um lado, a lua é susceptivel de nos occultar o sol totalmente ou quasi totalmente e por outro, pela distancia de nós a que a lua gira, a secção do cone de sombra da terra cobre inteiramente o nosso satelite.

Eis porque é possivel haver eclipses totaes não só da lua mas do sol, que sendo infinitamente maior que o nosso satélite, pode por este ser totalmente obscurecido e occultado.

Todavia, como as orbitas da Terra e da Lua não são circulares mas elipticas, no momento dos eclipses, as distancias relativas dos tres astros, (suppõe-se o sol fixo) não são sempre exactamente as mesmas e acontece que, em logar de ver occultar completamente o sol, a lua não lhe deixa eclipsar senão a maior parte, deixando visivel, á sua volta, uma corôa brilhante. Temos n'este caso o eclipse annullar. Em um mesmo ponto da terra, os eclipses totaes ou annullares do sol, não são frequentes.

A 17 de abril, como dissémos no ultimo numero, nós poderemos comtudo, se a athmosphera estiver clara, observar mais um, no curto espaço de 12 annos.

O phenomeno começará sobre a terra em geral 8 h. e 54 minutos, acabando ás 14 h. e 15 minutos.

A sua maior phase será em Lisboa ás 11 h. e 38 m., em Coimbra ás 11. h. e 42 m., no Porto ás 11 h. e 43 m.

Em Paris começará ás 10 h. e 49 m. para attingir a sua maior phase ás 12 h. e 10 m. e terminar ás 13 h. e 32 m.

Como dissémos, tambem a linha central do eclipse passa perto de Ovar, sendo portanto muito apreciavel em Aveiro e Porto.

Apesar da incerteza em que sempre se está sobre se se poderão effectuar as observações utilmente, sabe-se que os eclipses do sol são por vezes o objecto de expedições scientificas longinquas e custosas a paizes onde a totalidade é visivel.

Isto explica-se pelo interesse que o phenomeno apresenta sob o ponto de vista scientifico.

O que nós, na verdade, vemos do sol, não é senão uma fracção da sua massa e é só mente durante o curto espaço dos eclipses totaes que se pode aperceber a sua atmosphera, a sua *corôa*, ainda mais volumosa que o proprio globo.

Habitualmente o brilho do nucleo incandescente impedenos de a distinguir.

Como os phenomenos que n'ella se passam, não são verdadeiramente senão o reflexo d'aquelles que—ainda inaccessiveis para os nossos instrumentos de physica na sua maior parte — se passam no interior do astro, ha um duplo interesse em os estudar.

E' inutil insistir sobre a importancia, não só theorica, mas tambem pratica, que para nós pode ter um exacto conhecimento das leis que regem a actividade solar.

As investigações e observações a fazer na occasião d'um eclipse total, não são, pois, unicamente de ordem astronomica. Ao lado dos estudos relativos ás dimensões, á forma, ás côres, aos movimentos das protuberancias e das diversas zonas da *corôa* solar, ao contorno do disco solar, ao brilho do sol, aos planetas intra-mercuriaes, só visiveis n'estes momentos, podem fazer-se observações e experiencias com o fim de precisar os effeitos dos eclipses sobre os homens, os animaes e as plantas e tambem de fixar as suas influencias metereologicas, magneticas, electricas e radioactivas.

O campo das investigações é, como se vê, bastante vasto e os problemas postos da natureza muito diversa.

A questão da previsão do tempo, tão importante para a agricultura e navegação, para tantas outras industrias, pode, especialmente, encontrar grande numero de elementos para a sua solução nos resultados dos trabalhos referentes aos eclipses, cujo interesse scientifico é digno dos maiores sacrificios dos sabios.

O CASO ACCACIO ROSA

Algumas pessoas estranharam que nós tratassemos com tanta contemplação o snr. Accacio Rosa, individuo que n'um jornal que ahi teve não só insultou innumeras vezes o director da *Liberdade*, mas tambem consentia que qualquer bandalhote de lá lhe atirasse cuspinhadelas de lama.

Quando cortamos relações com alguem, as suas arremettidas incommodam-nos sempre muito pouco e mal iria se na nossa vida tivessemos de nos preoccupar sempre com todas as garotices baixas que nos dirigem.

De resto, quando nos queremos vingar de algum inimigo assim, não achamos nada que mais nos satisfaça do que ou termos pena d'elle ou publicar-lhe a litteratura ou mesmo as queixas que nos mande. O que não quer dizer que o director de este jornal seja capaz de apertar a mão, se algum dia lhe fosse estendida, a um individuo nas mesmas condições d'esses que, pensada e reflectidamente, por varias vezes, lhe dirigiram torpissimos insultos.

Motocyclettes **N. S. U.** a melhor, a mais elegante, a mais duravel, a mais simples, as unicas que venceram as grandes corridas do Porto a Lisboa. O agente nos districtos de Aveiro e Vizeu, **Miguel Marques Henriques** — Albergaria a Velha.

A impressão das nossas palavras

Monarchicos e Republicanos

O que nós queremos

O nosso artigo do ultimo numero — *Para os portuguezes lêrem* — levantou ahi uma grande celeuma e deu logar a largas discussões que fóra d'esta cidade tiveram a sua repercussão.

E coisa estranha—parece que muitos republicanos não gostaram d'elle e que muitos monarchicos ou afeiçoados ao monarchismo esfregaram as mãos de contentes, o que a ser bem verdade devéras nos desgostaria.

Porque se isto fosse realmente verdade, dar-nos-ia apenas esta triste impressão — que o patriotismo em muitos monarchicos desappareceu por completo. Quem ao lêr o nosso ultimo artigo se alegrou, não é portuguez. Quem, vendo os perigos que o paiz corre, a desgraçada situação financeira e economica da nação e as ameaças que se desenham contra a nossa autonomia, se alegra, não é patriota, não é portuguez.

Se alguem houve que se achou contente ao lêr o nosso artigo ultimo e se alguem houver que ao lêr o nosso artigo de hoje e os seguintes denunciando os riscos que a nação corre e o melindrosissimo estado da nossa vida se sentir satisfeito, esse alguem é o mais degenerado e abominavel dos inimigos da Patria Portugueza.

Nunca nos alegrámos, nós republicanos, com os desastres nacionaes nos tempos da monarchia. Eramos republicanos por amôr da nação, que vimos seguir em mãos ineptas e criminosas de perdularios, o peor dos caminhos, o caminho da ruina. Para determos essa carreira do abysmo, fizemos a Republica. Bem tarde, infelizmente, bem tarde, que não podémos acudir aos maiores erros nem evitar os grandes males que depois de 1891, data da malograda revolta do Porto, affligiram este povo.

Fizémos a Republica para salvar isto, mas sempre que a nação correu perigo ou experimentou desastres, os governos tiveram a tregua e a boa vontade republicana para bem do paiz. Depois da tragedia do Terreiro do Paço, foi tão longe a condescendencia republicana, era tão grande o seu patriotismo, que olhando para a nação e não para a sua politica ou para os seus caprichos, o partido republicano propoz á monarchia, pela bocca de Affonso Costa, no Parlamento, uma plataforma de entendimento e collaboração n'uma serie de medidas urgentes de salvação publica.

Este sincero, honesto e patriotico gesto não foi visto pelos monarchicos e a monarchia, irreconciliavel com a opinião democratica, cahiu então desastradamente.

Valeu-nos essa proposta de honesta collaboração patriotica, não só as vaias dos jesuitas e dos seus orgãos, mas até as criticas contundentes de homens como o hespanhol D. Miguel de Unhamuño, n'um livro de observação sobre a politica portugueza.

Pois o proceder dos monarchicos hoje é bem differente. Deante dos perigos da Patria — que não proveem da Republica, mas veem dos seus crimes e dos seus erros pois que a propria revolução com o seu sequito de inevitaveis indisciplinas sociaes e desordens governativas, não foi mais que a consequencia das suas loucuras — os monarchicos riem, cantam e bailam, vendo com intimo jubilo a ruina da Patria que elles desgraçaram.

Depravadas consciencias, entontecidas cabeças, abominaveis almas!

Por seu lado alguns republicanos não gostaram da franqueza com que nós fallamos, talvez porque não leram nem quizeram comprehender todo o nosso artigo.

Outros então soffreram desalentos, sentiram em si toda a tristeza da duvida e do mal estar nacional.

Teem razão para isso.

Mas o que é preciso é que os homens, os republicanos e os portuguezes, n'esta hora de perigos, mostrem a sua persistencia, a sua coragem nobre, o seu amôr á Republica, a sua dedicação á Patria.

Temo-nos deixado cahir muito na indifferença e a nossa indifferença póde ser para nós o peior dos venenos, veneno que se propaga e tudo contamina para deixar apenas á solta e á larga o inimigo interno, pronto a abrir a porta ao estrangeiro ambicioso, que mais forte de espirito do que nós, nos olha de soslaio, ambicioso e sofrego.

O que é preciso é dizer-se a verdade, a verdade toda — o paiz para se salvar tem de fazer enormes sacrificios.

Está o paiz disposto a fazel-os e a viver?

Se está, façamos sacrificios todos; os republicanos trabalhando mais com dedicação e afinco, sem se importarem com as desconsiderações dos governantes e as ingratidões dos trunfos politicos. Os monarchicos honestos e seus ingenuos apaniguados e todos aquelles que em frente dos males da Patria, não sentem alegria, mas sabem soffrer como nós, collaborando comnosco na instrucção e na educação do povo, na administração municipal em novas e boas bases, nos estudos economicos, nos planos de fomento, campos neutros e de utilidade urgente, em que, embora subordinados a um criterio novo, todos nós podemos intender-nos acima e fóra das sympathias e das discussões politicas.

Não se arreceiem os republicanos das nossas palavras — arreceiem-se dos factos que ellas revelam e sigam o caminho que ellas lhes indicam.

Não se alegrem os monarchicos com as nossas duvidas; pensem n'ellas e sirvam o seu paiz acima dos seus caprichos.

Faça-se de resto uma Republica forte, sadia, moderna, e, ande-se para a frente, que não temos tempo a perder e é tarde. Quem ficar atraz, que fique!

Nós fallámos para os portuguezes. Quem o é ainda e quem o quizer ser, que nos intenda!

VIDA MILITAR

Pela secretaria da guerra foi determinado que, na carreira de tiro de Aveiro (Gafanha), recebessem a instrucção de tiro ao alvo, no corrente anno, as seguintes unidades: Regimento de infantaria 24, cavallaria 8 e 3.º batalhão de infanteria 28 (Agueda).

— Apresentou-se em Ovar, assumindo o commando do 3.º batalhão de infanteria 24, o snr. major Agostinho Manuel da Silva Ferreira.

— Apresentou-se, vindo do 3.º batalhão de infanteria 24 (Ovar), seguindo depois para a Gafanha, a fim de assumir a direcção da carreira de tiro, o capitão snr. Manuel Ferreira Viegas Junior.

— Em Ordem do Exercito foram publicadas as disposições provisorias que regulam a promoção aos postos inferiores do exercito, disposições que entram já em execução.

— Foi nomeado official de tiro e armamento do 1.º e 2.º batalhões de infanteria 24, o alferes snr. Gaspar Ignacio Ferreira.

— A fim de ministrarem a instrucção de tiro ao alvo a 99 recrutas do 1.º batalhão do 24, seguiram para a carreira de tiro, os snrs. capitães Alberto Salgado, tenentes Razoilo, Figueira e alferes Durão. Os 99 recrutas seguiram para a carreira de tiro em 2 contingentes.

— Vindo de Agueda, a fim de verificar o resultado obtido na instrucção dos novos recrutas, e de visita aos aquartelamentos da cidade, chegou em 1 do corrente a Aveiro, acompanhado dos seus ajudantes de campo, o snr. ministro da guerra.

Fazia a guarda d'honra a sua ex.ª uma força de infanteria 24, com as bandas de musica e de corneteiros, sob o commando do snr. tenente Ferrão, com os 2.os sargentos Luiz d'Almeida e Padua. Sua ex.ª visitou as dependencias do 1.º batalhão e do regimento de cavallaria 8, seguindo depois para o 2.º batalhão, onde assistiu ao exercicio feito pela companhia de instrucção, ficando agradado com os resultados obtidos. Sua ex.ª seguiu depois para Ovar, a fim de visitar as dependencias do 3.º batalhão de infanteria 24, alli aquartelado.

— A fim de auxiliar a auctoridade administrativa na manutenção da ordem publica, caso ella fosse alterada durante a procissão do Senhor dos Passos, da Gloria, esteve de prevenção em infanteria 24, no dia 4 do corrente, uma força de 20 praças, sob o commando do snr. tenente Gamellas. com o 2.º sargento Victorino de Almeida.

— Pela secretaria da guerra foi ordenado que se abrisse concurso para musicos de 1.ª classe êm requinta.

— Conforme o determinado nas disposições que regulam a promoção aos postos inferiores do exercito, foi em infanteria 24 aberto concurso para exames de 2.º sargento, concurso que deve principiar em 1 do proximo mez de abril.

— A fim de ministrarem a instrucção de tiro ao alvo aos recrutas do 2.º batalhão, seguiram no domingo á tarde para a carreira de tiro da Gafanha, os snrs. capitão Antonio da Rosa Martins e tenentes Antonio Lopes Matheus e Julio Antunes.

— Pela Secretaria da Guerra foi determinado que ás praças licenciadas, pertencentes ás tropas activas, que pretendam embarcar como tripulantes nos navios que se destinam á pesca do bacalhau, seja dispensado o cumprimento do disposto nos §§ 1.º, 2.º e 3.º do artigo 265.º do regulamento dos serviços de recrutamento de 1911:

1.º (As praças licenciadas pertencentes ás tropas activas, que desejem ausentar-se para paiz estrangeiro, não poderão obter a respectiva licença sem effectuarem o deposito da quantia de 150$000 réis, na Thesouraria da Fazenda Publica do concelho ou bairro em que residem, ou sem apresentarem fiador idoneo pela mesma quantia. A's que desejarem ausentar-se para as colonias portuguezas, não será exigida esta caução.)

2.º (As praças a que se refere o paragrapho anterior dirigirão o seu requerimento ao commandante da respectiva divisão e entrega-lo-hão na unidade a que pertencem, directamente ou por intermedio da auctoridade administrativa do concelho onde residem. Quando a licença seja para se ausentarem para o estrangeiro, os requerimentos serão acompanhados do recibo do deposito a que se refere o paragrapho anterior, ou do termo de fiança passado na devida fórma. O processo será remettido ao commando da divisão, o qual o devolverá com o competente despacho ficando o mesmo processo archivado na secretaria da unidade.)

3.º (O fiador de que trata o § 1.º deverá ser individuo proprietario, negociante ou estabelecido com loja importante na localidade da residencia do requerente, e, no termo de fiança, obrigar-se-ha a apresentar o afiançado, ou a pagar a quantia de 150$000 réis, quando aquelle se não apresente nos prasos legaes. A idoneidade do fiador será reconhecido pela auctoridade que lavrar o termo de fiança e d'isso se fará menção no mesmo termo), ficando a sua apresentação sob responsabilidade dos commandantes dos navios.

— Sahiram no comboio correio da noite de sabbado para Lisboa, a acompanhar recrutas, os snrs. tenentes Mourão Gamellas e João Ruella. Estes recrutas eram os que vieram de Bragança para Aveiro. O snr. tenente Gamellas já regressou ante-hontem, devendo regressar hoje o snr. Ruella, que em Lisboa recebeu itinerario para Tavira.

— No proximo domingo deve seguir para a carreira de tiro, na Gafanha, a 3.ª companhia de recrutas de infanteria 24, que chega aqui no mesmo dia, vinda de Ovar. Os officiaes da companhia são os snrs. capitão Mergulhão, tenentes Ferreira, Camossa e Brandão. Vem com ella o official da tiro, snr. tenente Figueiredo.

O CASO DE BRAGANÇA

Tem-se feito um grande ruido em volta d'este caso que, segundo informações de todo o credito, nenhuma importancia tem.

Infanteria 10 devia transferir para o 24, afim de reforçar este corpo, uns 80 recrutas; mas, ou porque se reconhecesse que o 24 os não podia receber, desde já, por falta das necessarias condições de alojamento, ou por qualquer outro motivo que para o effeito nada importa, foi determinado que o referido contingente tivesse outro destino.

Sabe-se que, para não sobre carregar nenhum, foram esses 80 recrutas distribuidos por diversos corpos.

Succedera, porém, que do 10 tinham desertado, ultimamente, umas quatro ou cinco praças, que poderiam ter ido para Hespanha, alli a dois passos, e uma vez em Hespanha se deixariam aliciar pelos agentes couceiristas, procurando um emprego, á falta d'outro melhor, e de resto não muito mau —por pouco trabalhoso e sem nenhum encargo de consciencia. E, associando estes dois factos, o da deserção e o da transferencia, que bem explorados effectivamente alguma coisa pódem dar, os alviçareiros e os exploradores foram até onde podiam ir. E bem longe foram.

Certo é que n'este estado de vibração particular em que nos encontramos, não ha phantasia que se não materialise por mais bizarra que resulte.

D'ahi os boatos alarmantes, sem fundamento nenhum, mas fazendo carreira, como o dos acontecimentos graves de Bragança.

* * *

Já escripta esta noticia, vemos nos jornaes da capital, de hontem, a nota officiosa da Secretaria da Guerra, que esclarece o caso e por isso transcrevemos.

E' como segue:

Quando o snr. ministro da guerra visitou Bragança verificou que a instrucção militar aos recrutas de infanteria 10 não era ministrada como entende que deve ser e ordenou que fossem distribuidos por outros regimentos, onde mais proficuamente se pudessem instruir.

Essa distribuição já se fez, pelos corpos de infantaria aquartelados desde Aveiro até Lisboa e sul do paiz.

Os toques de sinos

Recebemos a seguinte carta:

Pedralva, Anadia 12-3-912

Snr. Director

Se não estou em erro, a lei de separação prohibe o toque dos sinos depois do sol posto, a não ser em casos de perigo ou de regosijo nacional. Pois, apesar d'isso, na freguezia de Bolho, concelho de Cantanhede, tocam os sinos *ás almas*, todos os dias, ás 21 horas, o que encommoda quem o ouve e eu, snr. Director, por infelicidade, ouço-o de dentro de minha casa, apesar de viver no concelho de Anadia. Se a lei é egual para todos, não podia, snr. Director ,fazer por meio do seu muito lido jornal, com que as auctoridades competentes prohibissem o toque de sinos áquella hora, na referida freguezia?

De v. correligionario etc.

J. C. F.

Tem razão o nosso correligionario. O art.º 59 da lei de separação diz que os toques de sinos serão regulados pela auctoridade administrativa municipal de accordo com os usos de cada localidade, contanto que não causem incommodo aos habitantes, e se restrinjam, quando muito, aos casos previstos no decreto de 6 de agosto de 1833. **De noite os toques de sinos só podem ser auctorisados para fins civis e em casos de perigo commum, como incendios e outros.** De resto, os toques de sinos incomodam sempre; e só em casos de perigo commum, mesmo de dia, deveriam ser tolerados.

As contribuições

Foi prorogado até 31 do corrente mez, o praso para o pagamento das contribuições de renda de casas e sumptuaria.

Theatro Aveirense

A empreza Vieira proporciona ámanhã ao publico d'esta cidade um explendido espectaculo, com a representação, pela companhia do Theatro Nacional, da celebre peça americana de Paulo Armstrong, *Os 20:000 Dollars*, que tanto successo causou este anno em Lisboa.

Fazem parte da companhia os distinctos actores Ignacio Peixoto, Luiz Pinto, Antonio Pinheiro e Augusto de Mello.

Os bilhetes para este soberbo espectaculo acham-se á venda na Tabacaria do snr. Augusto dos Reis, aos Arcos.

Correios

O *Diario do Governo* publicou, n'um dos dias da ultima semana, os seguintes despachos que dizem respeito ao pessoal da estação telegrapho-postal d'esta cidade:

Que a pena de 100 dias imposta ao fiel da estação de Aveiro, Alfredo Cesar de Brito, seja reduzida a 8, e annullada a de 40 dias imposta ao 2.º aspirante João Augusto da Silva Rosa; José Antonio Cidraes, 2.º official, chefe dos serviços dos correios e telegraphos de Aveiro, transferido para a 4.ª direcção da administração geral; José Francisco de Paula Athayde, 2.º official, chefe dos serviços dos correios e telegraphos de Bragança, transferido para identico logar de Aveiro; Julio Cesar Cabral, fiel da estação telegrapho-postal da Guarda, e Alfredo Cesar de Brito, fiel da estação de Aveiro, transferidos reciprocamente; Antonio Maria Duarte, 1.º aspirante da estação de Aveiro, transferido para a estação telegrapho-postal da Figueira da Foz; José de Miranda Sarmento, 2.º aspirante, coadjuvante do chefe dos serviços dos correios e telegraphos de Aveiro, transferido para a estação da mesma cidade; Antonio Ferreira da Encarnação Junior, 2.º aspirante da estação de Aveiro, transferido para o logar de coadjuvante do chefe dos serviços dos correios e telegraphos do mesmo districto; Manuel Augusto Henriques Pinheiro, exonerado do logar de encarregado da estação postal de Esgueira, Aveiro; Manuel Joaquim da Silva Junior, nomeado para o referido logar e com a retribuição que percebia o antecedente.

Estes despachos foram motivo de regosijo para muitos dos inimigos da Republica, alguns dos quaes tiveram a audacia de escrever das prisões onde se acham encerrados, congratulando-se com aquillo a que elles chamavam um *acto de justiça*.

— O snr. Placido Pereira, empregado na estação telegrapho-postal d'esta cidade, sendo encarregado pelos seus collegas praticantes telegrapho-postaes do paiz de ir apresentar ao seu administrador geral as reclamações a que se julgam com incontestavel direito, partirá no dia 18 para a capital, onde se juntará á commissão constituida pelos seus collegas de Lisboa.

E' certo que na ultima reforma dos correios e telegraphos, feita precipitadamente, estes modestos funccionarios do Estado só foram lembrados para lhes cercearem direitos que haviam adquirido, collocando-os na mais critica das situações.

As suas reclamações, que são tudo quanto ha de mais racional e justo, sem encargos para o Estado, bem merecem ser deferidas.

Como á frente da corporação dos correios e telegraphos está um sincero democrata, o engenheiro Antonio Maria da Silva, que tão intelligentemente tem dirigido a corporação que administra, estamos crentes que assim succederá, o que nos apraz bastante ter de registar.

João de Deus Ramos

O *Diario do Governo*, de segunda-feira, publica uma portaria louvando o snr. dr. João de Deus Ramos pelos seus valiosos serviços prestados á instrução.

A portaria do snr. ministro do Interior é uma justissima homenagem prestada ás brilhantes qualidades de talento do illustre pedagôgo, sob cuja iniciativa foi fundado o Jardim-Escola de Coimbra.

Por ter chegado tarde, só no proximo numero poderemos publicar o artigo do illustre deputado Padua Correia.

Os placards da Liberdade

Durante a semana corrente recebemos os seguintes telegrammas que afixámos em placard:

Tem causado sensação o facto de ser extincto, por inutil e prejudicial á Republica, o Tribunal das Trinas que o dr. Affonso Costa no Parlamento combateu, dizendo, como se póde vêr no diario das camaras, que, além de odiosa, a creação d'esse tribunal apenas viria a servir os conspiradores, o que sahiu verdadeiro.

Como se sabe, os deputados democraticos votaram contra esse tribunal n'uma votação nominal.

A proposta da sua extincção agora partiu de um dos deputados que aprovaram a sua creação quando se discutiu a lei dos conspiradores.

Continúa a dizer-se que o dr. Affonso Costa organisará gabinete dentro em breve, pois n'elle recahem as indicações da opinião publica, como a insuspeita *Capital* o referia no sabbado ultimo.

O dr. Affonso Costa, como o affirmou muitas vezes no Parlamento, se fôr governo, tratará principalmente de equilibrar rigorosamente o orçamento, acabando com o deficit por todos os meios, de modo a levantar os creditos do paiz e rehabilitar a nossa administração, para que dentro de 3 annos se possa levantar facilmente no estrangeiro o credito de 100$000 contos necessarios para as obras urgentes do paiz, reorganisação naval, instrucção, defeza e fomento,

---

O dr. Affonso Costa deve chegar a Lisboa antes do dia 20 do corrente. Será esperado na barra por um vapor com os deputados do grupo democratico e direcção do centro com uma banda, estando fretados já outros vapores e varias embarcações para o cumprimento no Tejo. Mais de 200 carros e automoveis o irão acompanhar a sua casa.

Nos centros politicos affirma-se que o dr. Affonso Costa, cujo prestigio tem subido em todas as classes por verem n'elle o unico homem com talento, energia e a preparação necessarias para governar o paiz n'esta conjunctura, formará ministerio dentro em pouco, entrando talvez algum ministro do snr. Brito Camacho.

O artigo do ultimo numero da *Liberdade* intitulado, *Para os portuguezes lerem*, sobre a situação financeira do paiz e sobre a falta de energia na defeza da Republica e sobre a indisciplina reaccionaria, causou grande impressão, tendo sido alvo de discussões em Lisboa e especialmente nos corredores do Parlamento e no Centro Democratico.

Presos politicos de Aveiro

Correu hontem o boato de que os presos politicos de Aveiro, que se acham detidos na Penitenciaria de Coimbra, haviam sido despronunciados.

A esse respeito recebemos á noite o seguinte telegramma do nosso correspondente em Lisboa, que afixámos em placard:

O Supremo Tribunal de Justiça não tomou hontem conhecimento do processo dos presos politicos d'Aveiro, vindo da Relação.

REGISTO

Considerações apresentadas ao governo pela Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal, sobre a incorporação do ensino agricola no projectado Ministerio da Instrucção Publica.

Da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal, recebemos um folheto em que se apontam os inconvenientes que ha na transladação do ensino agricola do ministerio do Fomento para o ministerio de Instrucção Publica, cuja creação o governo vae propôr ao parlamento. Com effeito, o ensino agricola em Portugal é mais pratico do que theorico e só o ministerio do Fomento possue e administra os elementos indispensaveis ao estudo da agronomia.

Annuncios

Acção de divorcio

(2.ª *publicação*)

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 5.º officio—Christo—correu seus legaes termos uma acção de divorcio, em que foi auctora Maria Simões, jornaleira, do logar das Quintãs, freguezia da Oliveirinha, d'esta comarca, e reu seu marido Manuel dos Santos Carrancho, proprietario, residente no mesmo logar e freguezia. E n'esta acção foi decretado o divorcio litigioso entre os ditos conjuges, por sentença de 17 de fevereiro ultimo, que transitou em julgado, pelo fundamento do artigo 4.º n.º 4 do decreto de 3 de novembro de 1910, para os effeitos dos art.os 1.º e 2.º do mesmo decreto, o que se annuncia para os effeitos legaes nos termos do art.º 19 do referido decreto de 3 de novembro de 1910.

Aveiro, 5 de março de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 5.º officio,

Julio Homem de Carvalho Christo.

EDITOS

(2.ª *publicação*)

POR este juizo, escrivão Marques, correm editos de 30 dias a contar da 2.ª e ultima publicação d'este annuncio, citando o co-herdeiro Antonio Pedro Pequeno, solteiro, maior, auzente em parte incerta do Brazil, para todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu pae José Pedro Pequeno, morador que foi, nas Ribas Altas da Ermida, freguezia de Ilhavo, em que é cabeça de casal a viuva Anna Alves de Oliveira, d'ali: Art. 696, § 3.º do codigo do Processo Civil.

Aveiro, 28 de Fevereiro de 1912.

O escrivão,

Francisco Marques da Silva.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Regalão.

Editos de 30 dias

(1.ª *publicação*)

PELO juizo de direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 5.º officio—Christo—se processaram e corrêram seus termos uns autos de inventario de menores, a que se procedeu por obito de José Fernandes Bagão, morador, que foi, em Ilhavo, e em que serviu de inventariante, a viuva, Julia Pereira Rainha, alli moradora; e tendo fallecido o interessado menor Rolando, filho do inventariado, procede-se no dito inventario á respectiva partilha do quinhão do mesmo fallecido Rolando e para a qual correm editos de 30 dias a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio, a citar os interessados João Fernandes Bagão, solteiro, maritimo, de 17 annos, e José Fernandes Bagão, tambem solteiro, maritimo, de mais de 14 annos, ambos ausentes em parte incerta, irmãos d'aquelle fallecido Rolando, para assistirem até final a todos os termos do inventario e partilha do mencionado quinhão e deduzirem a opposição que tiverem por meio de embargos ou impugnação nos termos dos artigos 697, 698 e 699 do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 5 de março de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 5.º officio,

Julio Homem de Carvalho Christo.

Arrematação

(1.ª publicação)

POR deliberação do conselho de familia e accordo dos interessados, no inventario orphanologico a que n'este Juizo e cartorio do escrivão do quarto officio se procede por fallecimento de João Nunes Torrão, casado, que foi morador na rua de Cimo de Villa, freguezia de Ilhavo, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Henriqueta Nunes da Fonseca, viuva do fallecido, residente na mesma rua, vão á praça no dia quatorze de abril proximo futuro, por onze horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça da Republica d'esta cidade, para serem arrematados por quem mais offerecer acima da sua avaliação, que é o preço por que vão á praça, os seguintes bens, pertencentes ao casal inventariado: Uma propriedade de terra lavradia com todas as suas pertenças, sita na Arrôta da Chousa Velha, limite da freguezia d'Ilhavo, no valor de cento e vinte mil réis; e uma propriedade de vessada e costeira, sito no logar da Legua, limite da mesma freguezia, no valor de noventa mil réis. Nenhum d'estes predios se acha descripto na Conservatoria d'esta comarca. Toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interessadas na alludida arrematação para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 8 de março de mil nove centos e doze.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 4.º officio,

João Luiz Flamengo.

ARREMATAÇÃO

(1.ª *publicação*)

NO dia 24 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça da Republica d'esta cidade, nos autos de execução de sentença commercial em que é exequente Antonio Gonçalves Bartholomeu, casado, negociante, de Verdemilho, e executado Manuel d'Oliveira Montella, solteiro, taberneiro, de Sarrazolla, vão á praça para serem arrematados e entregues a quem maior lanço offerecer acima das respectivas avaliações, varios moveis e objectos, differentes garrafas e algum vinho, tudo penhorado ao executado.

Pelo presente são citados os credores incertos para deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 11 de março de 1912.

O escrivão do 3.º officio,

Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei.

O Juiz de Direiro,

Regalão.

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

POR o Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do quarto officio—Flamengo, nos autos de inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Manuel José de São Marcos, casado, que foi morador na rua do Espinheiro, da villa e freguezia de Ilhavo, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Rosa Maria do Veu, viuva do fallecido, residente na mesma rua e villa, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio no *Diario do Governo*, chamando e citando o interessado, neto do inventariado, Samuel de São Marcos, solteiro, de dezessete annos, ausente em parte incerta, filho de José de São Marcos e de Emilia de Jesus Tourega, já fallecidos, para assistir a todos os termos até final do dito inventario, sem prejuizo do andamento do mesmo, constituindo procurador ou escolhendo domicilio na séde da comarca, sob pena de revelia.

Aveiro, 9 de março de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão,

João Luiz Flrmengo.

A LIBERDADE vende-se em Aveiro, no kiosque do snr. Valeriano Simões Lemos, á Praça Luiz Cypriano.

A Colossal
DE
Mamodeiro
—(*)—

Fazendas, mercearias, muidezas, tintas, oleos e ferragens.
Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.
Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.
Sulfato de cobre e enxofre.
Cimento **Portland.**
Batata de 1.ª qualidade para sementeiras, e muitos outros artigos.

Virgilio Souto Ratola

Bicycletas, Relojoaria e Accessorios

Officina de concertos e pintura. AGENTE da melhor bicycletta ingleza

HOBART

Alugueis de bicycletas. Concertos em relogios.

POMPILIO RATOLLA
AVEIRO

Francisco A. Meyrelles
Praça Luiz Cypriano
AVEIRO

Armazem de mercearia
Generos de primeira qualidade
Vinhos finos e licores
Especialidade em Chá e Café
Figo do Algarve

Agua do Barreiro
(BEIRA ALTA)
(Na Serra do Caramulo)

Unico remedio natural que cura radicalmente a ANEMIA, a CHLOROSE, as doenças do estomago, etc., etc., como se pode provar com attestados da maxima confiança que se acham patentes ao respeitavel publico no deposito geral.

RUA GARRETT, 76 E 78

Unico agente em Aveiro

FRANCISCO MEYRELLES

COLLEGIO MODERNO
PRAÇA MARQUEZ DE POMBAL
AVEIRO

A direcção d'este collegio montado nas melhores e mais modernas condições pedagogicas, de hygiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor installação e as melhores condições de aproveitamento.

ESTAÇÃO DE INVERNO

A ELEGANTE

Fazendas e modas
Camisaria e gravataria
DE
POMPEU DA COSTA PEREIRA
Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5
AVEIRO

O proprietario d'este estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

MOTOS F. N.

A quem procure empanar o colossal triumpho da moto F. N. conquistado na corrida Porto-Lisboa, atribuindo o successo ao incendio na machina do concorrente, podemos responder triumphantemente que n'esta corrida não só se punham á prova as velocidades de cada machina como tambem a sua boa construcção. E essa corrida veio demonstrar a invencivel superioridade da marca F. N. sobre todas as outras, porque só ella com a sua solida construcção poderia resistir a todas as eventualidades que surgem n'um percurso tão longo, sobretudo n'uma epocha de tão rigorosa invernia.

Agente exclusivo da marca F. N. no districto de Aveiro,

JOAQUIM GUERRA.
Agueda

Padaria Macedo
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão hespanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.
Completo sortimento de bolachas das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterina, vinhos finos.
Café, especialidade d'esta casa, a 720 e 600 réis o kilo.

AOS MESTRES D'OBRAS

Lixas de todas as qualidades, rivalisando com as estrangeiras em preço e duração.
Fabrico pelos processos mais aperfeiçoados.
Unica fabrica no paiz.

BRITO & C.ª
Sôza—Aveiro.

LIVRARIA CENTRAL E PAPELARIA
— DE —
BERNARDO DE SOUZA TORRES
Praça do Commercio
AVEIRO

Livraria. papelaria, e officina de encadernação.
Grande sortido de papeis nacionaes e estrangeiros.
Objectos para escriptorio, desenho e pintura.
Tabacos nacionaes e estrangeiros.
Livros em branco para escripturação commercial.
Artigos para brindes.
Chá em pacotes.
Deposito de tintas para escrever, marca D. Pedro IV.
Fornecimentos para escolas.
Sempre novidades em bilhetes postaes illustrados e com vistas d'Aveiro.
Cervejas e gazozas.
Cordas para instrumentos.
Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.
Sabonetes nacionaes e estrangeiros.
Pós e pasta para dentes.
Loções para o cabello e perfumarias.

AGENCIA E JORNAES.

Ricardo da Cruz Bento
PRAÇA DO PEIXE
AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.
Breu preto, louro e cru.
Azeite de peixe.
Utensilios para amanho de barcos.
Cordoame e poleame.
Licores e aguardente.
Papelaria,
objectos de escriptorio
e diversas miudezas.

A Liberdade
JORNAL REPUBLICANO D'AVEIRO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Brazil (anno) moeda forte	2$500 »
Avulso	20 »

Annuncios

Por linha	40 réis
Repetições	30 »
Communicados	20 »

Permanentes — contracto especial.

Hotel Cysne
Rua 5 d'Outubro
AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria.
Asseio e limpeza.
PREÇOS MODICOS

"ULTRAMARINA,,
COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL 500:000$000 réis

Seguros maritimos e terrestres.
Seguros postaes.

Agente em Aveiro,
A. H. Maximo Junior.
Rua Direita—AVEIRO

DEPOSITO DE MOVEIS, COLCHOARIA E MARCENARIA
=DE=
Francisco Casimiro da Silva
COJO—AVEIRO
—=(*)=—

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.
Officina montada para execução de colchões, com pessoal habilitado.
Todos os artigos para mobilar casas.
Officina, a melhor no genero, de marceneiro.
Executa-se qualquer mobilia por catalogos.
Espelhos e christaes = Louças finas e bijouterias.

Preços modicos

MERCEARIA E CONFEITARIA

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.
Variado sortido de fructas seccas, queijos e chocolates.
Bolachas nacionaes e estrangeiras.
Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES
Rua José Estevam—AVEIRO

ALBERTO JOÃO ROSA
RUA DIREITA
AVEIRO

GRANDE ARMAZEM DE DROGAS E FERRAGENS
Tintas e oleos de primeira qualidade.
Vidraça, cobre, chumbo e arame.
Adubos chimicos e organicos.
Sulphato e enxofre.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.